



## A via cooperativa para o fortalecimento dos meios de vida no Médio Mearim, Maranhão

### The cooperative way for strengthening livelihoods in the Middle Mearim, Maranhão

*Aline Souza Nascimento* – Doutoranda em Agriculturas Amazônicas pelo Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: snascimentoaline@gmail.com

*Roberto Porro* – Doutor em Antropologia Cultural pela University of Florida, Estados Unidos. Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. E-mail: roberto.porro@embrapa.br

#### Resumo

Estratégias de enfrentamento adotadas por camponeses maranhenses durante conflitos agrários resultaram na formação de organizações que têm desempenhado importante papel na garantia dos seus direitos de acesso a recursos e de controle sobre a comercialização dos seus produtos. Entre essas, se encontra a Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (Coppalj). Visando identificar as mudanças decorrentes da combinação de estratégias adotadas pela cooperativa, utilizamos a abordagem de meios de vida para analisar as percepções dos sujeitos locais acerca de sua atuação. A partir da análise de entrevistas realizadas com 20 grupos focais em nove comunidades, sobre o conjunto de capitais definidores de meios de vida (humano, físico, social, econômico e ambiental), verificamos que a Coppalj tem contribuído para a diversificação produtiva e tecnológica no território, reduzindo assimetrias e aumentando ganhos coletivos.

#### Palavras-chave

Agroextrativismo. Babaçu. Campesinato. Comércio justo.

#### Abstract

Coping strategies adopted by peasant farmers during agrarian conflicts in Maranhão state resulted in the formation of associations and cooperatives that have played important roles in guaranteeing their rights of access to resources and control over the marketing of their products. The Lago do Junco Cooperative of Small Agroextractive Producers (Coppalj) is one of these organizations. In order to identify changes resulting from the combination of strategies adopted by the cooperative, we used the livelihoods approach to analyze the perceptions of local subjects about its performance. From the analysis of interviews conducted with 20 focus groups in nine communities, on the set of capitals that define livelihoods (human, physical, social, economic, and environmental), we found that Coppalj has contributed to the productive and technological diversification in the territory, reducing asymmetries and increasing collective gains.

#### Keywords

Agroextractivism. Babassu. Peasant farmers. Fair trade.

## INTRODUÇÃO

Resultado das ações de resistência de camponeses do município de Lago do Junco, Maranhão, que buscavam autonomia econômica e produtiva para o sustento de suas famílias, a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (Coppalj) figura como uma iniciativa socioeconômica que possibilitou melhores condições para a comercialização da produção extrativa. A Coppalj foi criada num cenário de busca por democracia na arena política, e suas estratégias de luta foram amparadas em novos preceitos constitucionais, podendo ser entendida como uma reação defensiva para autoproteção das formas de vida de seus sujeitos (WANDERLEY, 2014; SCHNEIDER; ESCHER, 2011). Sua existência demonstra a complexidade das estratégias econômicas e produtivas desenvolvidas pelos camponeses do Médio Mearim para reconstrução dos seus meios de subsistência, precisamente em comunidades que dependem do extrativismo de babaçu (PORRO; PORRO, 2015).

Ao longo da sua trajetória, a Coppalj tem se firmado como instância mediadora entre as estruturas socioeconômicas e os atores sociais, instituindo um modelo inovador de desenvolvimento endógeno. Tal modelo visa transformar e melhorar as condições de vida das famílias locais, por meio de mudanças em suas relações com as esferas do Estado, do mercado e da sociedade civil (PINHEIRO, 2012; SCHNEIDER; ESCHER, 2011). Nesse sentido, o desenvolvimento levado a cabo pela cooperativa não se restringe a processos estritamente econômicos, mas fortalece as famílias cooperadas contra riscos associados a processos de mudança social (PERONDI, 2007; SCOONES, 1998).

Visando identificar a avaliação dos associados quanto às estratégias adotadas pela Coppalj na busca pela melhoria da qualidade de vida nas comunidades de sua atuação, e os campos nos quais essas ações tiveram maiores impactos, bem como se tais impactos atingem sócios e não sócios de forma equitativa, analisamos comparativamente a percepção dos sujeitos locais sobre o cenário anterior à criação da Coppalj (em 1990) e o momento atual (em 2020), assim como quanto à parcela de contribuição da cooperativa para eventuais transformações. Tal abordagem nos revela se a qualidade de vida tem melhorado ou se as limitações enfrentadas em períodos passados ainda se mantêm. Essa comparação é fundamental para captar as transformações ocorridas, porque as lembranças acerca do período passado ainda sombreiam as memórias dos protagonistas, se constituindo em um sensor para a mensuração do tempo transcorrido (ASSMANN, 2011).

Esta análise contribuirá não somente para a elucidação de estratégias e mecanismos adotados pelos sujeitos mobilizados para superação das desigualdades econômicas e sociais e aumento do bem-estar, como também para ampliar o conhecimento destes sujeitos acerca de seu exercício político e organizativo, aumentando, assim, a capacidade destes em atuar e interferir no curso de acontecimentos que mercantilizam a vida e os recursos naturais.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Meios de vida referem-se às capacidades, aos ativos (recursos materiais e sociais) e às atividades necessárias para a manutenção de um determinado modo de vida, sendo que esta última noção integra a articulação entre as diferentes formas e lógicas de processos concretos de vivência e trabalho, por meio dos quais são constituídas as práticas quotidianas (GUERRA, 1993).

De acordo com Scoones (1998), indicadores de meios de vida sustentáveis incluem a geração de oportunidades de trabalho, redução de pobreza absoluta e relativa, com destaque para equidade, bem-estar e capacidades (tangíveis e intangíveis), adaptação (ou resiliência) a choques, menor vulnerabilidade e sustentabilidade da base de recursos, implicando na conservação de recursos naturais. O meio de vida é sustentável quando for capaz de lidar com e se recuperar de tensões e choques, mantendo ou ampliando suas capacidades e ativos, sem comprometer a base de recursos naturais. O planejamento e a implementação de uma abordagem de meios de vida sustentáveis são necessariamente interativos e dinâmicos e requerem a participação ativa das diferentes partes interessadas nos processos que definem significados e objetivos, analisando conexões e *trade-offs*, identificando opções e escolhas e, por fim, tomando decisões.

A abordagem dos meios de vida tem possibilitado novas leituras e interpretações acerca da capacidade de transformação dos atores sociais. Conforme Perondi (2014), os estudos iniciais acerca desta abordagem estavam mais focados em analisar o comportamento das pessoas pobres, cuja tendência era apontá-las como vítimas passivas e infortunadas do sistema. Foi a partir da década de 1980, com a perspectiva orientada ao ator, que as análises se ampliam e passam a focar no modo como estas pessoas adaptam e exploram as mudanças, transformando uma ameaça numa oportunidade (PERONDI, 2014).

Os meios de vida consistem nas capacidades, ativos (estoques, recursos, direitos e acessos) e atividades requeridas para se manter a família (PERONDI, 2014). Os ativos são considerados o ponto de partida do quadro de análise dos “meios de vida” e se referem ao conjunto de capitais (natural, físico, humano, financeiro e social) que um segmento social, por exemplo, os agricultores, adotam

para garantir a sobrevivência (NIERDELE; GRISA, 2008; SITOIE, 2011). Por considerar várias dimensões, esta abordagem nos possibilitou uma análise abrangente acerca das mudanças derivadas da atuação da Coppalj, bem como das estratégias criadas para melhoria do bem-estar da população local.

## 2 METODOLOGIA

O sítio de estudo faz parte do Médio Mearim maranhense, na denominada “área de ocorrência do babaçu” (ANDERSON; MAY; BALICK, 1991), onde se verificaram transformações significativas no uso dos recursos naturais, principalmente nas últimas cinco décadas. As paisagens predominantes no Médio Mearim, inicialmente florestas ricas em espécies, transformaram-se em florestas secundárias dominadas pela palmeira babaçu (*Attalea Speciosa* Mart. ex Spreng.). Boa parte destas florestas foi convertida em pastagens e capoeiras contendo palmeiras em várias densidades.

Nas décadas de 1970 e 1980, um processo intenso de concentração fundiária antagonizou fazendeiros e camponeses em conflitos associados à derrubada de babaçuais para a formação de pastagens. Durante o momento mais agudo desses conflitos, a subsistência local em muito dependia dos serviços e produtos obtidos do babaçu: a agricultura de corte-e-queima, praticada em terras cobertas por palmeiras, que fornecem biomassa suficiente para colheitas razoáveis, e a extração e venda de amêndoas, realizadas predominantemente por mulheres. Frente à exclusão social que se acentuava com os conflitos em Lago do Junco, um ativo movimento social no campo recuperou significativa parcela das terras a partir de meados da década de 1980 (PORRO, 2005; PORRO; PORRO, 2014, 2015). É nesse contexto que é constituída a Coppalj.

O presente estudo está embasado em observação direta e participante junto a camponeses de comunidades nos municípios de atuação da Coppalj: Lago do Junco e Lago dos Rodrigues. Integra métodos qualitativos e quantitativos relacionados à atuação da Coppalj e seus efeitos em meios de vida. A abordagem de meios de vida permitiu verificarmos em que dimensões as mudanças geradas pela cooperativa traduziram-se em melhoria para a população local, assim como aferirmos o índice de acesso aos capitais e capacidades geradas, identificando aqueles com maior proeminência. Por outro lado, foi útil para identificarmos os limites ainda enfrentados pela organização para alcance dos seus objetivos, ou seja, para defender e manter as atividades econômicas que têm garantido a reprodução social camponesa nos municípios de sua atuação (BEBBINGTON apud NIERDELE; GRISA, 2008). A sua aplicação se deu por meio de questionário

composto por cinco dimensões. Cada uma das dimensões contou com perguntas referentes a cinco indicadores. O questionário foi aplicado a grupos focais, que buscaram consenso para a definição de respostas a cada pergunta.

O grupo focal é uma modalidade de entrevista em que ocorre uma exposição oral específica e espontânea dos envolvidos, visando fomentar interações e debates entre participantes de um grupo sobre um tema proposto (POMMER; POMMER, 2014). No exercício de avaliar as percepções locais quanto à situação atual das múltiplas dimensões de meios de vida nas comunidades, esta análise foi baseada em resultados da aplicação dos questionários em reuniões de 20 grupos focais, realizadas em nove comunidades, oito das quais constituem a área atual de atuação da cooperativa, enquanto a outra consiste em localidade na qual a Coppalj estava em preparativos para iniciar atuação, o que de fato ocorreu após a realização da pesquisa.

Os grupos focais foram formados de modo que a amostra fosse constituída a partir de critérios de diversificação em função das variáveis estratégicas, cujo objetivo foi obter exemplos da maior diversidade possível de informações referentes ao nosso tema (MICHELAT, 1987). Portanto, a escolha dos informantes contemplou a diversidade de sujeitos que compõe e/ou interage com a Coppalj. As variáveis estratégicas definidas foram aquelas que desempenham papel importante no campo do problema estudado (MICHELAT, 1987). Por essa razão, se basearam no gênero, faixa etária e nível de participação na cooperativa. Assim, os sujeitos dessa pesquisa foram jovens, homens e mulheres agroextrativistas, impactados pela Coppalj, incluindo sócios/sócias e não sócios/não sócias.

Os sócios/sócias foram considerados em dois grupos: sócios fundadores, que consideramos aqueles associados entre 1991-1995, com idade acima de 50 anos (mais velhos); e sócios recentes, que são aqueles associados entre 2015-2019, com idade até 50 anos (mais novos). Para não sócios, também consideramos aqueles com até 50 anos (mais novos) e acima de 50 anos (mais velhos), tendo em vista que muitos dos sujeitos que acompanharam a criação da cooperativa não se associaram.

No que tange aos jovens, em virtude da dificuldade de encontrar informantes-chave nesse grupo, que segundo definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consiste daqueles com idade entre 15 e 24 anos, optamos por tratar a juventude como uma realidade socialmente construída (DOUTOR, 2016) e que varia em virtude do tempo e da localidade. Portanto, consideramos que as definições e critério sobre o que é juventude são discursos, um modo de construir sentidos (HALL, 2006). Desse modo, no grupo de não sócios, incluímos dentre os jovens os sujeitos com idade entre 25-35 anos.

Centramos a investigação na avaliação dos sujeitos da pesquisa quanto ao mencionado conjunto de capitais (ou dimensões) considerado definidor de meios de vida: capital humano, físico, social, econômico e ambiental (SCOONES, 1998). A pesquisa considerou que o capital humano compreende aspectos de formação, desenvolvimento de habilidades e geração de oportunidades; capital físico abrange aquisição de bens, condição de moradia, acesso a água potável e energia elétrica; o social engloba as formas de organização local (sindical, religiosa, política) e os acordos informais nas comunidades; o econômico inclui a situação econômica familiar, as oportunidades de trabalho e o acesso a políticas de transferência de renda. Por fim, o capital ambiental abarca a preservação das florestas, da fauna nativa, adoção de técnicas de conservação do solo e a diversificação da produção agrícola.

Questionário com perguntas específicas para cada uma das cinco dimensões de capital foi apresentado aos entrevistados nos grupos focais, que consensualmente reportaram índices (0 a 100) para cada aspecto das cinco dimensões. As notas reportadas corresponderam a cinco intervalos de índices qualitativos, respectivamente de condição “muito baixa” (0-20), “baixa” (21-40), “média” (41-60), “alta” (61-80), e “muito alta” (81-100), para cada dimensão avaliada.

A agregação das notas atribuídas às perguntas de cada aspecto, dentro de uma mesma dimensão, proporciona a nota média de cada grupo referente à avaliação da situação atual de cada tipo de “capital”. Para obter os resultados agregados de cada categoria (por gênero, idade, ou nível participativo), calcularam-se as médias dos respectivos grupos focais<sup>1</sup>. A análise comparativa foi conduzida a partir da consulta aos grupos focais quanto à situação de cada tipo de “capital” anterior à criação da Coppalj (em 1990) e no momento atual (em 2020). Para a avaliação comparativa longitudinal consideraram-se as cinco dimensões de forma integral. A diferença entre os índices atribuídos nos dois períodos (atual e anterior à criação da Coppalj) permite avaliar transformações ocorridas na qualidade de vida, de acordo com a percepção de cada grupo social entrevistado. Para cada dimensão, a avaliação qualitativa do diferencial (D) expressa percepções de situação atual “pior”; quando o diferencial é negativo, situação atual “similar” (diferencial menor do que 10), “um pouco melhor” (diferencial entre 10,1 e 25), “bem melhor” (entre 25,1 e 50) e “muito melhor” (diferencial maior que 50).

<sup>1</sup> Foram comparadas as médias aritméticas e ponderadas (levando em consideração o número de participantes de cada grupo focal). Como os resultados foram similares, com pequenas variações de no máximo um decimal, as médias aritméticas serão utilizadas na apresentação dos resultados.

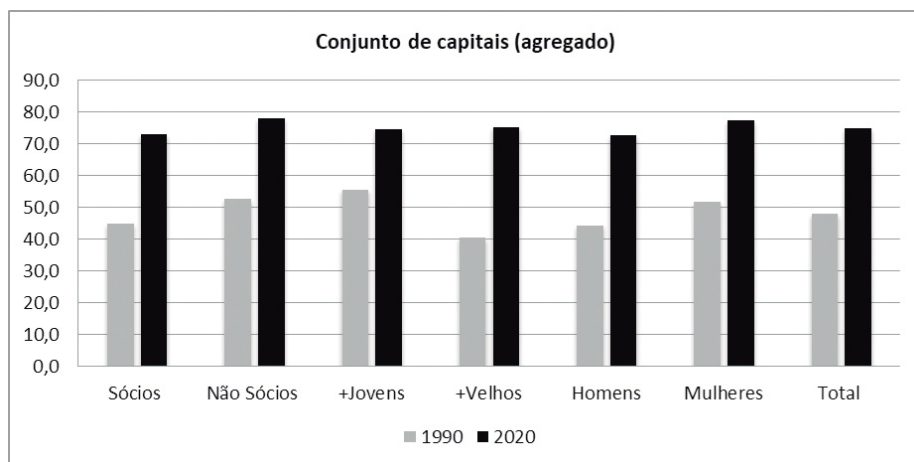
Por fim, além do índice de acesso aos meios de subsistência, também analisamos o percentual de contribuição da cooperativa para a alteração (positiva ou negativa) de cada uma das cinco dimensões do “capital” e para o total agregado. Tal se deu por meio da atribuição de índices percentuais relacionados à influência da Coppalj (IC), sendo considerada, em termos qualitativos, classificação em cinco estratos de IC: “muito baixa” (0-20), “baixa” (21-40), “média” (41-60), “alta” (61-80), e “muito alta” (81-100). Assim, ao multiplicarmos o percentual de influência da Coppalj pela diferença entre as notas dos dois momentos analisados, é possível captar a compreensão local a respeito do seu impacto diferenciado nas transformações em múltiplas dimensões de meios de vida, resultando cinco categorias qualitativas de efeito final (EF) da Coppalj nas dimensões de meios de vida, conforme os índices obtidos: impacto negativo ( $<0$ ), baixo (0-10), moderado (10,1-20), alto (20,1-30) e muito alto (30,1-40).

Na seqüência, é exposto o resultado para o total agregado das cinco dimensões do “capital”, seguido dos resultados para cada uma das dimensões constituintes de cada categoria (gênero, idade e nível participativo). A apresentação de cada componente compreende duas das etapas acima descritas: os resultados comparativos com o momento anterior à criação da Coppalj e a percepção da influência da Coppalj nas transformações observadas em cada dimensão, e para meios de vida, de forma agregada.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 1 apresenta a avaliação agregada para 1990 e 2020 sobre as cinco dimensões de capital. Os dados indicam que a percepção acerca das transformações operadas nas últimas três décadas é relativamente similar para as categorias sociais, todas elas atribuindo taxas positivas para o momento atual, variando entre 72,5 e 78,3 pontos, em escala de 0 a 100. Tal se deve por terem sido alcançadas condições que possibilitaram uma vida melhor do que quando predominava a negação de direitos básicos e de desequilíbrios provocados por essa ausência. Na avaliação comparativa com 1990, nota-se que, de forma agregada, os meios de vida apresentaram melhoria significativa, constatada por valores contrastantes entre os dois períodos, para todas as categorias, mas principalmente para os mais velhos e os sócios da Coppalj. Em 1990, valores mais altos foram atribuídos pelos jovens (55,7), não sócios (52,8) e mulheres (51,8); os mais baixos, principalmente, pelos mais velhos (40,4).

Figura 1 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), total agregado



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Os dados de 1990 indicam que, embora naquele período fosse recente a organização social dos camponeses e um novo cenário se desenhava, predominava o contexto de incerteza, uma vez que tal organização ainda se estruturava, e o período remete a um tempo de dificuldades. Mesmo assim, certos aspectos são avaliados positivamente, como a união gerada pela experiência comum da pobreza. Desse modo, revisar o passado implica refletir tanto sobre aquilo que mudou e que seria melhor ter permanecido, como a colaboração comunitária e os mutirões de trabalho, quanto sobre como essas mudanças afetaram o comportamento e as interações entre e dentro das comunidades. Assim, a análise contribui para a compreensão da dinâmica dos capitais interna aos grupos sociais, de como elas variam em razão do contexto social, político e econômico e de como suas dimensões mudam ao longo do tempo (DUDWICK *et al.*, 2006).

A Tabela 1 traz resultados agregados para a influência da Coppalj nestas transformações. O impacto de sua atuação para o conjunto dos capitais relacionados a meios de vida locais, na perspectiva de cada categoria social analisada, resulta do produto do percentual de influência reportado pelo valor diferencial entre 2020 e 1990.



Tabela 1 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, conjunto de capitais

<b>Agregado</b>			
<b>Categoria</b>	<b>Diferencial 2020/1990</b>	<b>Influência Coppalj</b>	<b>Efeito Final - Coppalj</b>
Sócios	Bem melhor: 28,1	Alta: 62,8%	Moderado: 17,6
Não sócios	Bem melhor: 25,5	Alta: 62,8%	Moderado: 16,0
+Jovens	Um pouco melhor: 19,1	Alta: 64,8%	Moderado: 12,3
+Velhos	Bem melhor: 35,0	Alta: 60,8%	Alto: 22,0
Homens	Bem melhor: 28,5	Alta: 71,6%	Alto: 20,9
Mulheres	Bem melhor: 25,6	Média: 54,0%	Moderado: 13,4
Total	Bem melhor: 27,1	Alta: 62,8%	Moderado: 17,1

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Nota-se que a influência atribuída por sócios e não sócios é semelhante. Não sócios acompanharam o processo de criação da cooperativa, e embora não tenham se associado, suas vivências estabeleceram laços que influenciam suas percepções. Esse entendimento varia quando consideramos a perspectiva de gênero e etária, com mulheres mais velhas (acima de 50 anos) que se identificam como quebradeiras de coco babaçu, reivindicando para o seu próprio movimento as mudanças ocorridas. Entre os homens, o entendimento de que a cooperativa exerceu papel central nas mudanças desencadeadas é mais frequente. Há, contudo, aqueles que, embora atribuindo avaliação positiva para a participação da Coppalj, reconhecem aspectos nos quais ela não influenciou diretamente, como a qualidade do ensino local, o acesso à água potável e energia elétrica. Para estes, tal não representa falha, somente entendem que como seu eixo de atuação é econômico e existiram organizações que atuaram antes dela; sua contribuição para outros “capitais” ocorreu de forma indireta.

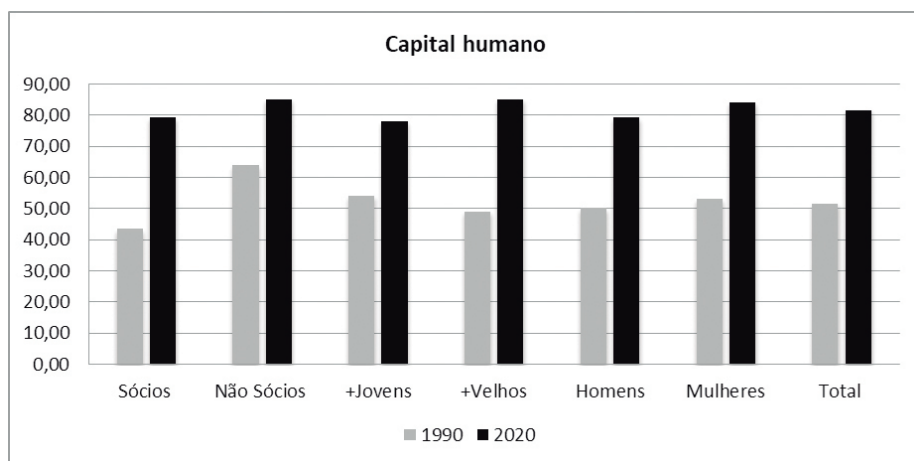
### 3.1 CAPITAL HUMANO

Ao analisarmos separadamente cada dimensão dos meios de vida, nota-se que o capital humano foi um dos mais impactados, sendo a transformação expressa no diferencial de 30 pontos atribuídos entre 1990 (51,50) e 2020 (81,5) (Figura 2). No período anterior à criação da Coppalj, as escolas das comunidades ofereciam somente as séries iniciais do ensino fundamental e era frequente a ausência de professores, pois devido esses serem de outros municípios ou da sede de Lago do Junco, em virtude de não existirem pessoas qualificadas nas

comunidades, não se adaptavam à realidade local e logo abandonavam o posto. Além da fragilidade na educação escolarizada, havia carência de formação política.

Para os mais velhos, considerando-se o nível participativo e de gênero, a formação que obtiveram foi no decorrer do processo de organização política, nos espaços educativos estruturados, seja pela Igreja ou pelas instituições que emergiram das mobilizações camponesas. Como verificado por Gohn (2008), há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tendo os movimentos desempenhado papel educativo para os sujeitos que os compunham, elevando sua capacidade de comunicação e participação em atividades políticas. Por essa razão, os grupos avaliaram essa experiência como positiva.

Figura 2 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), capital humano



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Contudo, tal oportunidade era restrita às pessoas engajadas nas organizações. Somente a institucionalização da educação escolarizada possibilitou a ampliação das oportunidades, principalmente aos mais jovens. Entre esses, o período atual é mais bem avaliado, pois um número considerável de pessoas ingressou em instituições de ensino superior, se qualificaram e passaram a atuar nas respectivas comunidades. Para as comunidades, é a partir da atuação dos movimentos e organizações sociais que, sobretudo os mais jovens, passaram a ter acesso à educação no campo. Deste modo, os grupos atribuem esta mudança não apenas à abertura do governo para estabelecimento de diálogos com os movimentos/organizações, mas também à pressão exercida pelos atores sociais para terem assegurado seus direitos básicos.

Como observado, os índices atribuídos ao capital humano em 1990 variam entre 43,3 e 63,7 pontos, sendo o menor atribuído pelos sócios da Coppalj. Já para 2020, observamos que a menor taxa atingiu 78 pontos. Desse modo, se observa crescimento acentuado em todas as categorias, com as maiores diferenças entre os dois períodos atribuídas pelos mais velhos, sócios e mulheres, enquanto não sócios e mais jovens registram menores diferenças.

Nessa dimensão, a influência da Coppalj, na percepção local, variou de 36% a 74%, sendo os maiores índices atribuídos pelos homens e por não sócios (Tabela 2). O efeito final dessa atuação oscilou, portanto, entre 9,2 e 18,2 pontos percentuais. O entendimento dos sócios é que quando a Coppalj gera melhoria de renda para as famílias, movimenta positivamente todas as outras dimensões. Mesmo que sua contribuição seja, principalmente, na dimensão econômica, mulheres e homens compreendem que a influência da Coppalj se deu porque apoiou a tomada de consciência, sendo formação útil para legitimar reivindicações.

Tabela 2 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, capital humano

<b>Dimensão Humana</b>			
<b>Categoria</b>	<b>Diferencial 2020/1990</b>	<b>Influência Coppalj</b>	<b>Efeito Final - Coppalj</b>
Sócios	Bem melhor: 35,8	Média: 50,8%	Moderado: 18,2
Não sócios	Um pouco melhor: 21,3	Alta: 61,3%	Moderado: 13,0
+Jovens	Um pouco melhor: 24,0	Média: 57,0%	Moderado: 12,5
+Velhos	Bem melhor: 36,0	Média: 53,0%	Moderado: 18,1
Homens	Bem melhor: 29,0	Alta: 74,0%	Alto: 21,4
Mulheres	Bem melhor: 31,0	Baixa: 36,0%	Baixo: 9,2
Total	Bem melhor: 30,0	Média: 55,0%	Moderado: 15,3

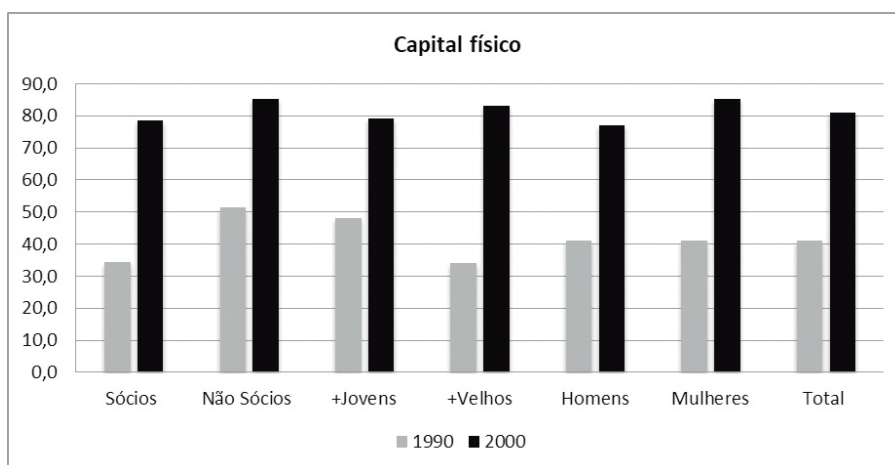
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Há, contudo, grupos que não percebem dessa forma e consideram que a contribuição na dimensão humana não foi tão expressiva, por considerarem que outras organizações desempenham ações mais efetivas do que a cooperativa. Dentre os mais jovens, a Coppalj foi apontada como tendo participado ativamente da luta por educação nas comunidades. Desse modo, verifica-se uma variação de opiniões e certo desconhecimento de alguns sobre a atuação da cooperativa, sendo que informações referentes à sua atuação podem estar ficando restritas.

### 3.2 CAPITAL FÍSICO

As transformações ocorridas nas comunidades ao longo de três décadas também se estendem à obtenção de recursos materiais que facilitaram o trabalho produtivo e deram maior comodidade às famílias. Embora a terra seja um recurso natural, o processo de compra e venda instituído pelas políticas de privatização a transformou em mercadoria. Nessa perspectiva, também pode ser considerada uma conquista material que possibilitou às comunidades o suporte necessário para se estruturarem, reconstruírem seus processos econômico-produtivos, e erguerem casas próprias, de alvenaria. Quando os participantes dos grupos focais comparam o capital físico em 1990 e 2020, atribuem notas mais elevadas para a situação atual, denotando mudanças significativas ocorridas nessa dimensão, conforme observado na Figura 3.

Figura 3 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), capital físico



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

A percepção de maiores diferenças entre esses dois períodos ocorre entre os entrevistados mais velhos e entre os sócios da Coppalj. A nota média nas demais categorias manteve-se entre 41 e 48 para 1990, e chegou a 85 para 2020. As menores notas para 1990 e 2020 foram, respectivamente, 34,2, e 77,0, demonstrando que mesmo que no cenário atual alguns aspectos demandem aprimoramento, a situação está muito superior à de 1990. A comparação entre os dois períodos indica que, atualmente, há recursos materiais antes inexistentes, como condições adequadas de moradia, acesso à água, estruturas de apoio à saúde, melhoria das estradas e acesso aos meios de transporte. Em algumas

comunidades, foi verificado que o acesso à energia elétrica foi obtido recentemente e a existência de máquinas para produção ainda não é comum.

A influência da Coppalj nas transformações nessa dimensão recebeu índices entre 55% a 74%, resultando em efeito final de sua atuação, no capital físico, de 24,5%, com índices maiores e menores respectivamente atribuídos pelos sócios da cooperativa (28,7%) e mulheres (22,1%) (Tabela 3). Portanto, apesar de esta influência ter sido considerada mais alta pelos grupos focais formados por jovens, o maior efeito final resultou da avaliação entre sócios. Para mulheres, homens e sócios, a Coppalj participou nesse processo porque, quando valorizou o babaçu, possibilitou renda melhor às famílias, que logo investiram em bens materiais, como motocicletas, móveis e eletrodomésticos. Além disso, diversas famílias têm sido beneficiadas com banheiros em suas residências e barragens para captação de água e diversificação da produção. Soma-se a isso a melhoria da infraestrutura das estradas, pois como a Coppalj precisa escoar o babaçu, passou a reivindicar tal obra junto aos setores públicos, beneficiando os que também trafegam por esses caminhos. Assim, os índices nessa dimensão resultaram semelhantes para todas as categorias, sendo em média cerca de 10 pontos percentuais mais elevados do que na dimensão social.

Tabela 3 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, capital físico

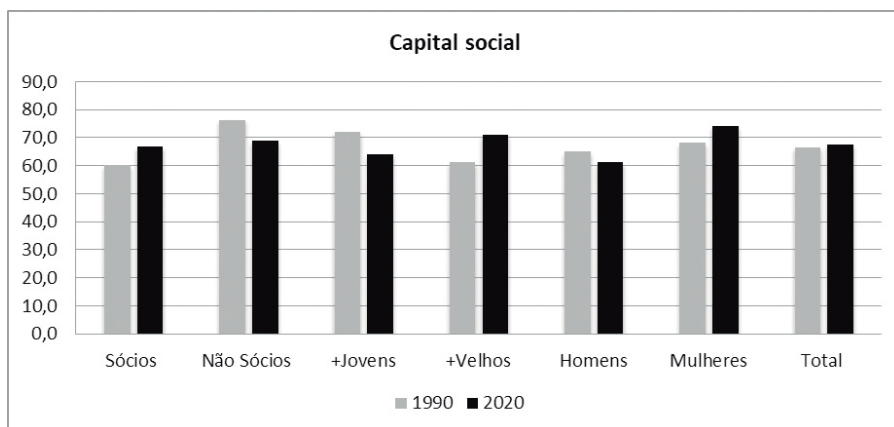
Dimensão Física			
Categoria	Diferencial 2020/1990	Influência Coppalj	Efeito Final - Coppalj
Sócios	Bem melhor: 44,2	Alta: 65,0%	Alto: 28,7
Não sócios	Bem melhor: 33,8	Alta: 68,8%	Alto: 23,2
+Jovens	Bem melhor: 31,0	Alta: 74,0%	Alto: 23,3
+Velhos	Bem melhor: 49,0	Média: 59,0%	Alto: 25,7
Homens	Bem melhor: 36,0	Alta: 78,0%	Alto: 26,9
Mulheres	Bem melhor: 44,0	Média: 55,0%	Alto: 22,1
Total	Bem melhor: 40,0	Alta: 66,5%	Alto: 24,5

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

### 3.3 CAPITAL SOCIAL

A dimensão social do “capital” foi uma das duas únicas em que alguns aspectos em 1990 receberam avaliações mais positivas, com valores superando ou se aproximando dos atribuídos a 2020 (Figura 4).

Figura 4 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), capital social



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Para os participantes dos grupos, o engajamento das famílias nas atividades orientadas às comunidades era mais forte antes. Confiança e solidariedade eram valores que permeavam as relações, e ainda que continuem existindo, não se apresentam com a mesma intensidade anteriormente observada. A solidariedade era percebida como uma característica inerente às pessoas naquele contexto de pobreza, acionada automaticamente sempre que alguém precisava de ajuda, o que tornou possível às famílias suportarem situações difíceis.

Os homens, principalmente, consideram que a organização política nas comunidades era mais forte, com as decisões sobre a escolha de candidatos tomada coletivamente. O candidato que a associação decidia apoiar logo recebia adesão das famílias. Atualmente, consideram que essa decisão é feita visando principalmente o benefício pessoal em detrimento do social. Embora uma das vantagens apontadas para 2020 seja o fato de haver muitas formas de organização, estas ações perderam força ao longo do tempo. De acordo com os entrevistados, tal ocorreu em virtude do desinteresse dos jovens de se engajarem, resultando no envelhecimento dos movimentos sociais.

Assim, tendo em vista a importância desempenhada pelo movimento político para o restabelecimento de direitos nas comunidades, os mais velhos consideram fundamental o maior envolvimento dos jovens para a continuidade das organizações sociais que lhes possibilitaram ressignificar o exercício político, com destaque para a Coppalj, que tem ocupado espaço importante na cena pública. Além disso, a quebra do coco, que se constituiu como uma atividade de expressão econômica e política, a partir da qual foi acionada a identidade coletiva

das quebradeiras, passou a ter engajamento reduzido devido ao desestímulo, sobretudo das mais jovens, em se dedicarem a uma atividade que, para as gerações passadas, era primordial para a sobrevivência familiar (PORRO, 2019).

Quando comparamos os dois períodos, notamos que os valores para 1990 ultrapassam os atribuídos para 2020 entre os grupos de não sócios, mais jovens e homens. Os sócios são os que melhor avaliam o momento atual, contrastando com avaliação mais negativa dos não sócios. Contudo, o maior diferencial positivo em favor do momento atual foi atribuído pelo grupo composto pelos mais velhos. Mesmo assim, esse diferencial limitou-se a 10 pontos.

Os participantes dos grupos focais reconhecem que, naquele contexto, embora as mobilizações políticas fossem mais fortes, eram mediadas pela Igreja. No período atual, continuam existindo organizações sociais conduzidas pelos próprios camponeses, resultado da autonomia política adquirida e observada ao assumirem o protagonismo das suas lutas e a gestão dos seus próprios empreendimentos. Consideram que a participação da Coppalj contribui para o fortalecimento do capital social em virtude das ações desencadeadas em outras dimensões, como a ambiental, que mobilizam sócios e não sócios para assumirem responsabilidades coletivas pela preservação das palmeiras.

As taxas atribuídas para a influência da Coppalj na dimensão social variaram de 56% a 68%, se mantendo mais elevadas entre homens e sócios, e mais baixas entre mulheres e não sócios (Tabela 4). Como já mencionado, algumas categorias atribuem variação negativa ao diferencial entre 2019 e 2020. Assim, da mesma forma que o maior diferencial entre os dois períodos, o efeito final da Coppalj atinge índice máximo de 10%, atribuído pelos mais velhos. Na média de todos os grupos, o efeito final da Coppalj nesta dimensão resulta em 3,6%, que foi o menor entre as cinco dimensões de capital.

Tabela 4 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, capital social

<b>Dimensão Social</b>			
<b>Categoria</b>	<b>Diferencial 2020/1990</b>	<b>Influência Coppalj</b>	<b>Efeito Final - Coppalj</b>
Sócios	Similar: 6,7	Alta: 65,0%	Baixo: 4,3
Não sócios	Pior: -7,5	Média: 57,5%	Negativo: -4,3
+Jovens	Pior: -8,0	Alta: 61,0%	Negativo: -3,0
+Velhos	Similar: 10,0	Alta: 63,0%	Baixo: 10,1
Homens	Pior: -4,0	Alta: 68,0%	Baixo: 1,5
Mulheres	Similar: 6,0	Média: 56,0%	Baixo: 5,6
Total	Similar: 1,0	Média: 62,0%	Baixo: 3,6

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

### 3.4 CAPITAL ECONÔMICO

A dimensão econômica foi a que expressou transformações mais drásticas dentre as cinco formas de “capital”. As mudanças apontadas pelos grupos, ao comparar 1990 e 2020, são principalmente no que se refere à alimentação, moradia e aquisição de bens produtivos. Esses fatores, associados aos ativos adquiridos nas outras dimensões, possibilitaram melhoria significativa na qualidade de vida. Os participantes consideram que não são ricos, mas também já não passam as mesmas dificuldades anteriormente enfrentadas.

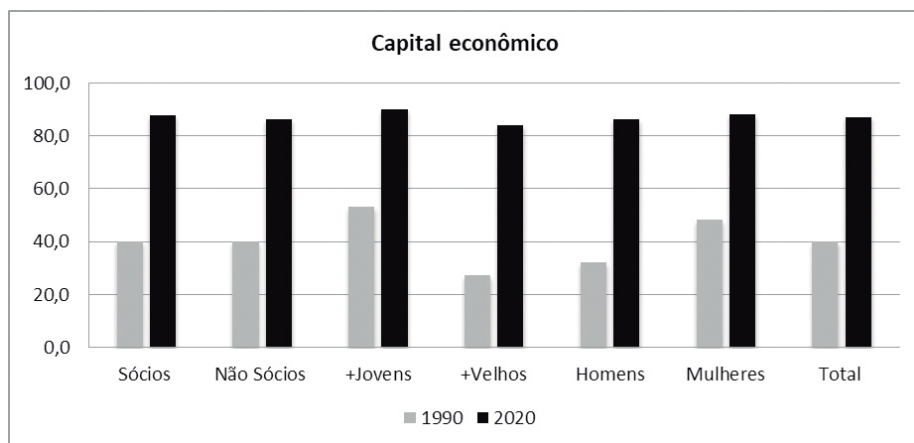
Em 1990, a falta de conhecimentos os impedia de reivindicarem seus direitos. Além disso, também reconhecem que nesse período havia uma carência de políticas públicas orientadas à agricultura familiar. Desequilíbrios socioeconômicos, com famílias desprovidas de acesso à educação, privadas do exercício da cidadania e, conseqüentemente, com chances reduzidas de escolhas, impediam a frequência à escola, obrigando-as a se submeterem a atividades mal remuneradas ou a deslocamentos temporários, especialmente para o garimpo.

Embora seja parte integrante das práticas de reprodução camponesa (WOORTMANN, 1990), a migração também está ligada à ausência de oportunidades, que atinge sobremaneira os jovens, impedindo-os de consolidarem sua condição social por meio da estabilidade no campo (SOUZA, 2017). Assim, somente a partir de 2000 esse cenário se altera, com a criação de novas políticas de transferência de renda, como benefícios de prestação continuada, o programa Bolsa Família e maior facilidade de acesso a crédito pelos segmentos camponeses.

Para esse capital, a avaliação para os dois períodos se distanciou significativamente (Figura 5). Mesmo a maior nota para 1990, atribuída pelos mais jovens, foi muito superada em 2020, resultando em diferencial próximo a 40 pontos. Assim, se verifica um crescimento extraordinário, com todos os valores para 2020, superando os 80 pontos. O maior diferencial, que alcançou próximo de 60 pontos, foi atribuído pelos mais velhos. Nessa dimensão, se observa certa retração das notas atribuídas por não sócios, que geralmente são mais elevadas e ultrapassam os valores atribuídos pelas demais categorias.



Figura 5 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), capital econômico



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

Os participantes dos grupos focais consideram que a Coppalj teve papel primordial nas transformações econômicas ao contribuir para a organização e diversificação do processo produtivo das famílias. Sua participação oscila entre 65% e 76%, sendo o maior índice conferido pelos grupos compostos por homens e pessoas mais velhas, resultando em efeitos finais respectivamente de 39,6% e 36,9% (Tabela 5). Em síntese, o diferencial entre os dois períodos variou de 37 a 57 pontos, e o efeito final atingiu 32,3 pontos, o maior dentre os cinco capitais.

Tabela 5 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, capital econômico

Dimensão Econômica			
Categoria	Diferencial 2020/1990	Influência Coppalj	Efeito Final - Coppalj
Sócios	Bem melhor: 47,5	Alta: 69,2%	Muito alto: 32,9
Não sócios	Bem melhor: 46,3	Alta: 72,5%	Muito alto: 33,5
+Jovens	Bem melhor: 37,0	Alta: 76,0%	Alto: 27,6
+Velhos	Muito melhor: 57,0	Alta: 65,0%	Muito alto: 36,9
Homens	Muito melhor: 54,0	Alta: 76,0%	Muito alto: 39,6
Mulheres	Bem melhor: 40,0	Alta: 65,0%	Alto: 24,9
Total	Bem melhor: 47,0	Alta: 70,5%	Muito alto: 32,3

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

A mencionada diversificação e melhora da situação econômica diretamente influenciada pela Coppalj aconteceu pela renda derivada da venda das amêndoas a preços mais altos, e por meio das sobras anualmente destinadas aos sócios. Além de beneficiar os sócios, a Coppalj também gera renda aos não sócios via acesso à Política de Garantia de Preços Mínimos aos Produtos da Sociobiodiversidade (PGPM-Bio), que considera ser acessível às quebradeiras de coco da região. A Coppalj foi uma das organizações a reivindicá-la, e é uma das instâncias que a operacionaliza em Lago do Junco e Lago dos Rodrigues. Não sócios optam por comercializar sua produção de amêndoas na Coppalj, pois além da PGPM-Bio, são beneficiados com recursos da repartição de benefícios<sup>2</sup>.

### 3.5 CAPITAL NATURAL

Assim como na dimensão social, os participantes dos grupos consideram que houve retrocesso na situação ambiental. A percepção é que em 1990 havia mais babaçuais, mais áreas verdes e, conseqüentemente, nascentes de rios e animais silvestres existiam em maior abundância. As principais ameaças eram o uso do fogo e a derrubada de babaçuais por fazendeiros. Contudo, reconhecem que naquele período as famílias não tinham os mesmos conhecimentos que possuem atualmente e, em virtude disso, adotavam práticas que hoje desaprovam, como o uso do fogo nas roças e quintais, e a ausência da separação do lixo.

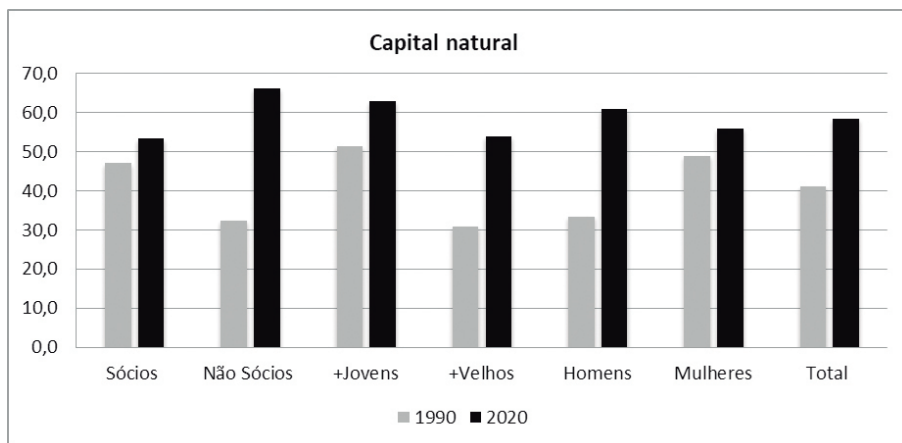
Em 2020, consideram que já não há tanto babaçal e floresta quanto antigamente. O controle do uso de agrotóxicos se tornou uma das preocupações nas comunidades. Embora o uso do fogo ainda seja praticado, tem sido observada redução gradativa e mesmo quando fogo é utilizado nas roças, geralmente é feito aceiro e escolhido um horário considerado adequado. Muitas famílias passaram por um processo de reeducação, e mesmo não sócios que não estão vinculados a algum movimento social adotam práticas consideradas mais sadias, sendo comum a utilização de insumos alternativos para controlar pragas. Esse cuidado é adotado tanto na roça quanto nos quintais em seus povoados. Reconhecem que até mesmo alguns proprietários se tornaram cuidadosos em relação ao uso

<sup>2</sup> A Lei de Acesso ao Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado e Repartição de Benefícios –Lei Nº 13.123/2015 (BRASIL, 2015) e Decreto Nº 8.772/2016 (BRASIL, 2016) –, também conhecida como Lei da Biodiversidade, regulamenta a forma como o patrimônio genético pode ser acessado e como os benefícios que resultam de seu uso comercial são compartilhados entre as pessoas, empresas ou países que utilizam esse recurso, e as pessoas, empresas ou países que o fornece (BRASIL, 2012). A referida lei determina que os recursos resultantes da repartição de benefícios sejam destinados à conservação e manutenção dos modos de vidas das comunidades. Em virtude disso, a Coppalj investe recursos obtidos por meio de repartição de benefícios no manejo da palmeira babaçu, em sistemas agroflorestais e na criação de pequenos animais consorciados com o babaçu (ASSEMA, 2019).

do fogo e derrubada dos babaçuais; contudo, ainda enfrentam dificuldades em preservar as áreas que não estão sob domínio das famílias, pois existem fazendeiros que dificultam o diálogo e adotam práticas prejudiciais, como o uso de trator e de herbicidas.

Verifica-se que entre algumas categorias os valores para os dois períodos mantêm uma relativa correspondência, enquanto em outras ocorre discrepância (Figura 6). Maiores contrastes são observados para não sócios da Coppalj, pessoas mais velhas, e homens, enquanto nos grupos compostos por sócios, pessoas mais jovens e mulheres a diferença entre 1990 e 2020 é menor.

Figura 6 – Avaliação comparativa de meios de vida (1990-2020), capital natural



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

A Coppalj é apontada como a única organização na região que trabalha seriamente a política ambiental. As políticas por ela priorizadas se referem ao controle do uso de agrotóxicos e preservação das palmeiras. Uma das exigências impostas aos sócios e a quem deseja se associar é o não uso do veneno, em virtude de a cooperativa ser pioneira na comercialização e na produção orgânica, o que lhe conferiu o selo de qualidade pelo Instituto Biodinâmico (IBD). Tal certificação, obtida em 1998 em decorrência da sua responsabilidade social e ambiental, lhe possibilita comercializar o óleo de babaçu por um preço superior, além de permitir a exportação. A manutenção deste selo é fundamental para a manutenção do preço justo pago pelas amêndoas de babaçu.

Atualmente, cerca de 700 famílias comercializam amêndoas de babaçu nas cantinas da cooperativa e todas obedecem aos requisitos estabelecidos pela organização. A cooperativa toma o cuidado de não comprar amêndoas em localidades que não possuam controle ambiental. Seu principal desafio na

dimensão ambiental tem sido a implementação de um plano de manejo para o babaçu, que conscientize extrativistas e proprietários das terras.

A diversificação produtiva das famílias tem sido impulsionada pela Coppalj, por meio da distribuição de mudas para implantação de sistemas agroflorestais (SAFs) e projetos para criação de pequenos animais. As cisternas construídas têm possibilitado a sócios e não sócios melhorarem a produção familiar, em virtude do acesso à água, sobretudo nos períodos mais secos do ano.

A Tabela 6 indica que a avaliação da influência positiva da Coppalj para o capital natural variou entre 53,8% e 64,2%, sendo valores mais elevados observados entre sócios e pessoas mais velhas, com média geral de 60%. O efeito final de sua atuação atinge 13,8. Portanto, embora haja um descontentamento dos grupos com circunstâncias que têm prejudicado o ambiente local, nota-se que a cooperativa tem se engajado na proteção dos recursos e direitos das famílias.

Tabela 6 – Impacto da atuação da Coppalj em meios de vida locais, capital natural

<b>Dimensão Ambiental</b>			
<b>Categoria</b>	<b>Diferencial 2020/1990</b>	<b>Influência Coppalj</b>	<b>Efeito Final - Coppalj</b>
Sócios	Similar: 6,3	Alta: 64,2%	Baixo: 4,0
Não sócios	Bem melhor: 33,8	Média: 53,8%	Moderado: 18,1
+Jovens	Um pouco melhor: 11,5	Média: 56,0%	Moderado: 11,3
+Velhos	Um pouco melhor: 23,0	Alta: 64,0%	Moderado: 16,4
Homens	Bem melhor: 27,5	Alta: 62,0%	Moderado: 18,3
Mulheres	Um pouco melhor: 7,0	Média: 58,0%	Baixo: 9,4
Total	Um pouco melhor: 17,3	Média: 60,0%	Moderado: 13,8

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados obtidos em pesquisa de campo (2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Coppalj é resultado da capacidade que as comunidades tiveram de mobilizar os recursos locais disponíveis e torná-los favoráveis aos seus interesses. A análise da sua trajetória nos permitiu explorar os diferentes âmbitos nos quais suas transformações se expressam (social, humano, econômico, físico e ambiental) e a percepção das diferentes categorias acerca delas, assim como demonstrar sua importância para a reconstrução dos processos que promoveram a diversificação produtiva e tecnológica no território (OSTROM apud SABOURIN, 2010; SCHNEIDER; ESCHER, 2011). Com efeito, observamos que foi a partir do surgimento da Coppalj que novos mecanismos foram delineados para atendimento de problemas para os quais as comunidades ainda não tinham obtido resposta.

Embora se verifique uma correlação entre as transformações ocorridas nas dimensões analisadas, aquelas processadas nas dimensões econômica e humana se destacam das demais. Alguns teóricos apontam uma influência do capital humano sobre o crescimento econômico em razão do nível de conhecimento, da aquisição de novas habilidades e dos aspectos que formam esse capital e resultam em melhor rendimento futuro (VIANA; LIMA, 2010). Contudo, entre os grupos, há a percepção de que é somente a partir da melhoria econômica que ocorre um impacto significativo na dimensão humana, sendo possível obter através dele resultados nos meios de subsistência, por permitir a compra de alimentos, reduzir a insegurança alimentar e melhorar a saúde, comprar, comercializar, construir ou melhorar as estruturas de suas propriedades, entre outros. Ainda que haja ativos inalcançáveis por meio do dinheiro (DFID, 1999), ele se constitui num importante alicerce nos meios de vida, sendo inclusive o que permite o investimento em benfeitorias que fornecem conforto e proteção.

Essa vinculação entre capital social e humano foi significativa para a organização conjunta, por meio da qual foram incitadas a cooperação e o compartilhamento que levaram à emergência da Coppalj, cuja atuação tem sido importante para reconstruir processos que promoveram a diversificação produtiva e tecnológica no território, reduzindo as assimetrias e aumentando ganhos coletivos (SCHNEIDER; ESCHER, 2011; OSTROM apud SABOURIN, 2010). A partir do surgimento da Coppalj, novos mecanismos foram delineados para atendimento de problemas para os quais as comunidades ainda não tinham obtido resposta. Os ganhos adquiridos desde então têm sido não apenas na renda, estão também relacionados à expansão da agência e capacidade de participação dos sujeitos locais (VICARI, 2014).

Portanto, é a partir da Coppalj, com sua política de valorização da produção extrativa, que novas perspectivas passam a ser alimentadas, sobretudo pelo aumento na renda das famílias. Embora um baixo nível de renda não seja o único fator que predispõe as pessoas à pobreza, uma renda inadequada é forte condição predisponente de uma vida pobre (SEN, 2010). Como verificado por Sen (2010), as oportunidades econômicas só são mais bem aproveitadas quando as pessoas dispõem de bases sociais que as permitem sustentar tais oportunidades, isto é, quando encontram níveis de alfabetização e educação básica, bons serviços gerais de saúde e reformas agrárias concluídas. Nessa perspectiva, não basta a sustentação econômica, são necessárias condições que as permitam fazer bom uso dos recursos e, desse modo, expandirem suas capacidades. Ainda que alguns desses aspectos já se manifestassem localmente devido à atuação de associações nas comunidades (PORRO; PORRO, 2015), a Coppalj se tornou essencial para a obtenção e consolidação de tais benefícios.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. B.; MAY, P. H.; BALICK, M. J. **The subsidy from nature: palm forests, peasantry, and development on an Amazon frontier.** New York: Columbia University Press, 1991.

ASSEMA. **Repartição de benefícios.** Pedreiras: Assema, 2019.

ASSMANN, A. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Cartilhas Informativas sobre Acesso e Repartição de Benefícios.** Brasília, DF, MMA, 2012. Disponível em: [https://antigo.mma.gov.br/images/publicacoes/patrimonio\\_genetico/Cartilhas%20Informativas%20sobre%20ABS%2001%20-%20Introducao%20a%20ABS.pdf](https://antigo.mma.gov.br/images/publicacoes/patrimonio_genetico/Cartilhas%20Informativas%20sobre%20ABS%2001%20-%20Introducao%20a%20ABS.pdf). Acesso em: 24 dez. 2020.

BRASIL. **Lei Nº 13.123, de 20 de maio de 2015.** Regulamento o inciso II [...]. Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm). Acesso em: 17 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto Nº 8.772, de 11 de maio de 2016.** Regulamento a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015 [...]. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8772.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8772.htm). Acesso em: 17 fev. 2022.

DFID. **Sustainable livelihoods guidance sheets.** London: DFID, 1999.

DOUTOR, C. Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões. **Última Década**, Santiago, n. 45, p. 159-174, 2016.

DUDWICK, N.; KUEHNAST, K.; JONES, V. N.; WOOLCOCK, M. **Analyzing social capital in context: a guide to using qualitative methods and data.** Washington: World Bank Institute, 2006.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, DF, v. 16, n. 47, p. 333-513, maio/ago. 2011.

GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia, Problemas e Práticas**, [s. l.], n. 13, p. 59-74, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. *In: THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-211.
- NIERDELE, P. A.; GRISA, C. Diversificação dos meios de vida e acesso a atores e ativos: uma abordagem sobre a dinâmica de desenvolvimento local da agricultura familiar. **Cuadernos Desenvolvimento Rural**, Bogotá, n. 5, v. 61, p. 41-69, jul./dez. 2008.
- PERONDI, M. A. **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar**. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- PERONDI, M. A. A teoria das capacitações nos estudos sobre os meios de vida e desenvolvimento rural. *In: CONTERATO, M. A.; RADOWSKY, G.; SCHNEIDER, S. (org). Pesquisa em Desenvolvimento Rural: aportes teóricos e proposições metodológicas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014. v. 1, p. 95-116.
- PINHEIRO, M. M. S. **As liberdades humanas como bases do desenvolvimento: uma análise conceitual da abordagem das capacidades humanas de Amartya Sen**. Brasília, DF: IPEA, 2012.
- POMMER, C. P. C.R.; POMMER, V. M. A metodologia do grupo focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção. **Revista Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 10, n. 2, p. 5-21, jul./dez. 2014.
- PORRO, R. Palms, pastures, and swidden fields: the grounded political ecology of “agro-extractive shifting-cultivator peasants” in Maranhão, Brazil. **Human Ecology**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 17-56, 2005.
- PORRO, R. A economia invisível do babaçu e sua importância para meios de vida em comunidades agroextrativistas. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 14, n. 1, p. 169-188, jan./abr. 2019.
- PORRO, R.; PORRO, N. S. M. Social roots of resource use routes in rural Maranhão, Brazil. **Journal of Rural Studies**, [s. l.], v. 36, p. 64-76, 2014.
- PORRO, R.; PORRO, N. S. M. Identidade social, conhecimento local e manejo adaptativo de comunidades tradicionais em babaçuais no Maranhão. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2015.

SABOURIN, E. Manejo dos recursos comuns e reciprocidade: os aportes de Elinor Ostrom ao debate. **Sustainability in Debate**, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 143-158, 2010.

SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. A contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 180-219, 2011.

SCOONES, I. Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis. **IDS Working paper**, Brighton, n. 72, p. 1-22, 1998.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SITOE, T. A. A abordagem dos modos de vida como ferramenta de análise das estratégias de sobrevivência no meio rural africano. **Desenvolvimento em Questão**, Unijuí, v. 9, n. 17, p. 39-60, 2011.

SOUZA, A. F. **De geração em geração, famílias na luta por um pedaço de chão**: estratégias de reprodução social camponesa no Vale do Juari, TO. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

VIANA, G.; LIMA, J. F. Capital humano e crescimento econômico. **Interações**, Campo Grande, v. 11, n. 2, p. 137-148, 2010.

VICARI, S. The co-operative as institution for human development: the case study of Coppalj, a primary co-operative in Brasil. **Journal of International Development**, [s. l.], n. 26, p. 683-700, 2014.

WANDERLEY, M. N. B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba, v. 52, n. 1, p. 25-44, 2014.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s. l.], p. 35-53, jan./jun. 1990. Disponível em: [https://www.rebep.org.br/revista/article/view/546/pdf\\_520](https://www.rebep.org.br/revista/article/view/546/pdf_520). Acesso em: 02 mar. 2019.

Texto submetido à Revista em 24.12.2020

Aceito para publicação em 16.05.2022